



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

“Se hay gobierno, estoy a favor”: Rodrigo Maia como traço imutável da política brasileira¹

“Se hay gobierno, estoy a favor”: Rodrigo Maia as an immutable trait of Brazilian politics

Vanderlei de Castro Ezequiel²

Deysi Cioccarì³

Palavras-chave: comunicação; política; imagem; poder; Câmara dos Deputados.

*Mas a ambição do homem é tão grande que, para satisfazer
uma vontade presente, não pensa no mal que daí a algum tempo
pode resultar dela.
Maquiavel*

“Isso é que é partido”. Assim, Fernando Henrique Cardoso (FHC) agradecia o apoio do Partido da Frente Liberal (PFL) à emenda da reeleição em 1997. Em 1997 o PFL ainda era um partido poderoso, com uma bancada forte na Câmara dos Deputados e no Senado, e oferecia seu apoio irrestrito ao então presidente FHC. Foi também em 1997 que o partido se envolveu no escândalo da compra de votos. Mais precisamente em 13 de maio de 1997, o jornal Folha de São Paulo estampa em sua capa: “Deputado conta que votou pela reeleição por R\$ 20mil”. Conversas gravadas davam conta de que deputados haviam recebido o equivalente a R\$ 894.451,70, em valores corrigidos pelo Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) para votar a favor da emenda, em um

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Mestre em Comunicação pela Casper Líbero, pesquisador do grupo Comunicação e política na Sociedade do Espetáculo. vancer.ce@gmail.com

³ Jornalista, doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP, mestre pela Casper Líbero/SP, pesquisadora do grupo Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo. deysicioccarì@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

suposto esquema chefiado pelo então ministro Sérgio Motta, já falecido, homem de confiança de FHC e sócio dele em uma fazenda em Minas Gerais.

Fernando Henrique Cardoso atravessou o caos, uma tentativa de instalação de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) e, em 4 de junho o Senado, em segundo turno, aprovou a emenda da reeleição. No ano seguinte, FHC é reeleito. Neste período, o PFL era um partido forte e um dos pilares do governo FHC, participava da composição ministerial e influenciava diretamente o jogo político. Bem diferente da decadência que viria nos anos 2000. Em pleno século XVI, Maquiavel se perguntava: como fazer reinar a ordem, como instaurar um Estado estável? O problema central de sua análise política é descobrir como pode ser resolvido o inevitável ciclo de alternância entre estabilidade e caos. Para o autor florentino, a ordem da política não é natural. Ela deve ser construída pelos homens para se evitar o caos e a barbárie, e, uma vez alcançada, não será definitiva, pois há sempre, em germe, seu trabalho em negativo, isto é, a ameaça de que seja desfeita. Maquiavel percebe que em todo o tempo é possível observar a presença de traços humanos imutáveis. Por isso a afirmação de que os homens “são ingratos, volúveis, simuladores, covardes ante os perigos, ávidos de lucro” (O príncipe, cap. XVII, p. 15). Esses atributos negativos compõem a natureza humana e mostram que o conflito e a anarquia são desdobramentos necessários dessas paixões e instintos malévolos. O autor afirma que essa permanência – da natureza negativa dos homens – em todas as épocas e sociedades transforma a história em uma privilegiada fonte de ensinamentos. Por isso, o estudo do passado não é um exercício de mera erudição, mas, sim, um desfile de fatos dos quais se deve extrair as causas e os meios usados para enfrentar o caos resultante da expressão da natureza humana. Afirma-se, assim, que a história é cíclica, repete-se indefinidamente, já que não há meios absolutos para “domesticar” a natureza humana. Em outros termos, a perversidade das paixões humanas sempre volta a se manifestar.

Neste trabalho lançou-se um olhar sobre os “traços imutáveis” da política brasileira, principalmente a relação fisiológica dos partidos políticos com o Poder



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Executivo, mais especificamente refletiu-se sobre o Partido Democratas (DEM). Entende-se a trajetória do DEM como um exemplo de elite partidária que se desenvolveu nos anos posteriores à redemocratização. O partido participou de todos os governos civis que sucederam seu surgimento em 1985 como Partido da Frente Liberal e compôs com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) a chapa que venceu as eleições em 1994. Em 1998, ano da reeleição de FHC, tornou-se o maior partido da Câmara dos Deputados.

O PFL foi um dos protagonistas da política brasileira até a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) ao poder. Como Maquiavel afirma, porém, no poder, não há garantias. Em 2002 Luiz Inácio Lula da Silva é eleito Presidente da República e o PFL passa então à oposição. Em uma tentativa de deixar para trás o estigma de partido fisiologista, descendente da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e apoiador da ditadura, o partido muda o nome e usa a refundação para tentar manter-se como protagonista no cenário político nacional, e como bem argumenta o ex-senador Jorge Bornhausen em entrevista, “para permanecer na mídia” (Entrevista a autora, 2015). Em 2007, surge o Democratas. As antigas lideranças, como Jorge Bornhausen, cedem lugar à presidência do partido para o deputado Rodrigo Maia, filho do ex-prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, que então com seus 37 anos tinha a incumbência de dar novo fôlego ao DEM.

No entanto, nem mesmo o “principado hereditário” mostra-se seguro. Como define Maquiavel, a política não trata mais apenas da força bruta, da violência, mas da sabedoria no uso da força, do emprego virtuoso da força. O governante não é, pois, simplesmente o mais forte – aquele que tem condições de conquistar –mas, sobretudo, o que demonstra ter Virtú, sendo assim aquele capaz de manter o domínio adquirido senão pelo amor, ao menos pelo respeito dos governados. Fora do governo, o DEM declina na cena política nacional. Amarga um encolhimento considerável na Câmara dos Deputados e no Senado. Em 2011, o então prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab funda o Partido Social Democrático (PSD) e atrai mais de 20 parlamentares do



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

DEM para a nova legenda. O Democratas ainda acredita na renovação pelas urnas, mas nas eleições de 2014, além de reeleger 68% de seus parlamentares, portanto, nada de renovação, inicia a nova legislatura com apenas 22 deputados. Torna-se um partido de pouca expressão, apenas satélite do PSDB.

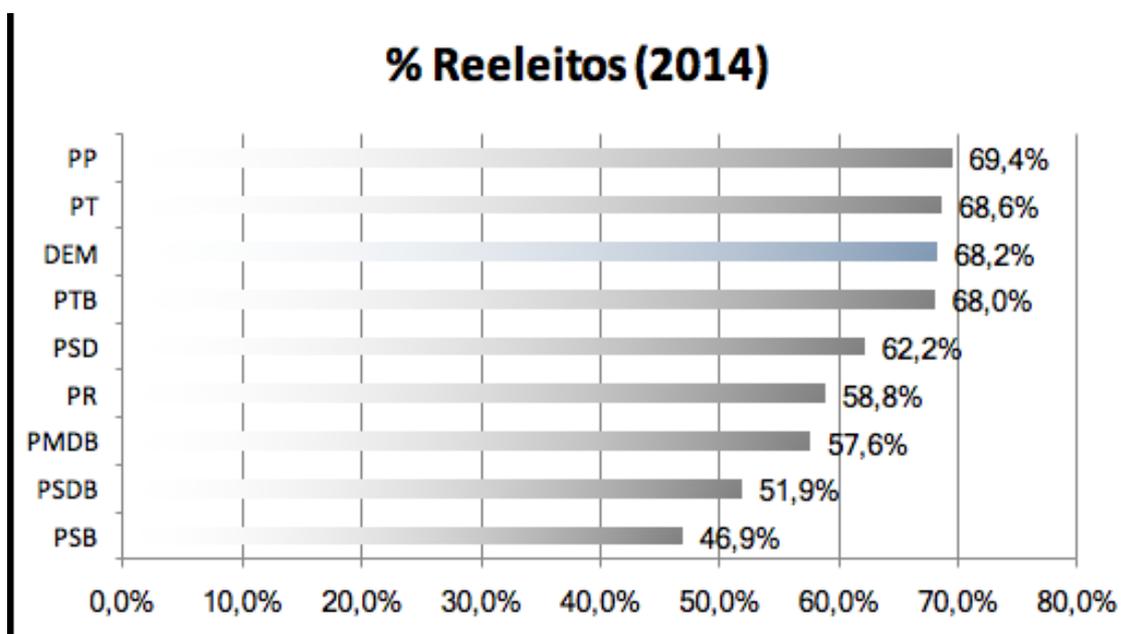


Tabela 1: Reeleitos na Câmara dos Deputados. Fonte: Autores com base nos dados do TSE.

Como foi dito nos parágrafos anteriores o estudo do passado não é um exercício de mera erudição, mas, um desfile de fatos dos quais se extrai as causas e os meios usados para enfrentar o caos resultante da expressão da natureza humana. A história é cíclica (grifo nosso), repete-se indefinidamente, ao sabor da natureza humana. A personalização da política e o jogo do poder permitiram que o deputado Rodrigo Maia, até então apenas o filho de antigo cacique do partido – Cesar Maia, ex-prefeito do Rio de Janeiro – após negociação de cargos na Mesa alçasse ao posto de presidente da Câmara dos Deputados no início do governo Michel Temer. Após assumir a presidência da Câmara, Maia passa a liderar as articulações para manter Michel Temer no poder. Note-se que, nos governos FHC e Michel Temer trocam-se apenas os nomes dos personagens:



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

“A história é cíclica”. Espetáculo, poder e Virtú se misturam num cenário que traz novamente o Democratas ao protagonismo de outrora na cena política brasileira. Se em 2015 o partido parecia ser, como o ex-presidente Lula havia dito, extirpado da política, atualmente a conjuntura é outra. A personalização da política, a aparente verticalidade no processo de tomada de decisões partidárias e as denúncias de que os partidos são oligarquias que representam cada vez menos os cidadãos aumentaram o descrédito nos partidos como instrumentos do sistema político, pondo em dúvida a capacidade mobilizadora e de representação dessas agremiações. Porém, mesmo não havendo aparentemente iniciativas para o estreitamento político com o eleitor, os partidos continuam sendo parte fundamental do jogo político.

Maquiavel, novamente, pode ajudar a encontrar esses caminhos ainda não traçados: Rodrigo Maia, o principal objeto de análise neste trabalho, é levado à condição de príncipe, impelido principalmente pelo destino, com pouco esforço, mas de acordo com Maquiavel, com muito esforço para reter esse poder. Os obstáculos encontrados no caminho são ultrapassados porque voam nas asas da fortuna. É depois de terem subido ao poder que veem surgir as dificuldades. Não sabem nem podem sustentar-se aí. Não sabem, porque, salvo se forem homens de grande engenho e virtude [Virtú], não é de crer que, após uma vida exclusivamente privada, possuam aptidões para governar; não podem, porque carecem de força em cuja dedicação e fidelidade lhes seja lícito confiar. Demais, os Estados rapidamente surgidos, como todas as outras coisas da natureza que nascem e crescem depressa, não podem ter raízes e as aderências necessárias para a sua consolidação. Rodrigo Maia mostra fidelidade a quem o alavancou. Jura lealdade a Temer. E então começa a reformular sua imagem: chora em frente às câmeras ao homologar acordo de recuperação fiscal ao Rio de Janeiro. Utiliza a mídia para construir imagem de bom político fiel a quem o colocou no cargo. Como diz Schwartzberg (1992), a imagem rotula e identifica, contribuindo decisivamente para individualizar as características de um político. O valor da verdade fica relativizado. Nesse trabalho será analisado como Rodrigo Maia passou de simples ator



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

coadjuvante a figura principal da cena política brasileira, alçando o Democratas ao seu atual protagonismo. Analisamos a bancada do PFL desde seu surgimento até a última eleição em 2016 e o surgimento de Rodrigo Maia na cena política. O embasamento teórico é alçado principalmente em Nicolau Maquiavel, Guy Debord e Vera Chaia.

Referências bibliográficas

BALANDIER, Georges. O poder em cena. Ed. Universidade de Brasília, 1982.

CHAIA, Vera. Escândalos políticos: parte do jogo? In: CHAIA, Miguel e CHAIA, Vera. (Org.). **Mídia e política**. São Paulo: Educ, 2000.

_____. Escândalos políticos e eleições no Brasil. In: **VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VI COMPOLÍTICA)**. Rio de Janeiro (PUC-Rio), de 22 a 24 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT8-Chaia.pdf> Acesso em: 14 out. 2017.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Ed. Contraponto, Rio de Janeiro, 1997.

DUVERGER, Maurice. **Os partidos políticos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

KINZO, M. D. Os partidos no eleitorado: percepções públicas e laços partidários no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, nº 57, 2005.

KINZO, M. D. e BRAGA, M.S.S. (Orgs.). **Eleitores e representação partidária no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2007.

LAMOUNIER, Bolívar. **Da Independência a Lula: dois séculos de política brasileira**. São Paulo, Augurium Editora, 2005

LAVAREDA, A. **PFL: O dissenso dos governadores nordestinos em busca de uma nova imagem**. 1985.

MACHIAVELLI, N. O Príncipe. Trad. Prefácio e Notas, Lívio Xavier. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.

MAINWARING, Scott. **Sistemas partidários em novas democracias: o Caso do Brasil**. Ed. FGV, SP. 1999.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

MAINWARING, S e SCULLY, T (Eds.). **Building democratic institutions: party systems in Latin America**. Stanford: Stanford University Press, 1995.

MANIN, B. As metamorfoses do governo representativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, nº 29, p.5-33, out. 1995.

MANIN, B. **The Principles of Representative Government**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MARENCO, A. **Quando trocar de partido pode não ser um bom negócio**: migrações na Câmara Federal, 1987-2002.

MENEGUELLO, R. Partidos e tendências de comportamento: o cenário político em 1994, In: DAGNINO, E. (org.). **Anos 90**. Sociedade e Política no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TAROUCO, Gabriela. Brazilian parties according to their manifestos: political identity and programmatic emphases. **Brazilian Political Science Review**, São Paulo, v. 5, n. 1, 54- 76, 2011. Disponível em: http://bpsr.org.br/english/arquivos/BPSR_v5_n1_artigos/Article_Gabriela.pdf. Acesso em: 11 set. 2017